

ANÁLISE SEMIÓTICA DA NARRATIVA BÍBLICA “A PROVA DE ABRAÃO”

Karin Adriane Henschel Pobbe RAMOS (FCL – UNESP – Campus de Assis)

RESUMO: Neste trabalho fazemos uma análise semiótica de uma narrativa bíblica da prova de Abraão, registrada no livro de Gênesis, capítulo 22. Seguimos a teoria proposta por Greimas em sua ciência da significação, que procura traçar o percurso gerativo do sentido a fim de decifrar o código do texto e entender seu significado profundo. A análise consiste no reconhecimento das isotopias da narrativa, que levam à articulação do quadrado semiótico da estrutura profunda. No caso da narrativa da prova de Abraão, destacamos como principal a isotopia religiosa, baseada na oposição divino *versus* humano e homologada pelos semas ilimitado *versus* limitado.

ABSTRACT: This study analyses by using the semiotic theory a biblical narrative of the Abraham's proof registered in Genesis, chapter 22. For the analysis we follow the theory purposed by Greimas in his science of signification that aims the generative process of meaning in order to find the text's code and understand its deep structure. The analysis consists in find the narrative's isotopies that carry to the deep structures by the semiotic squares articulation. In the Abraham's proof the main isotopy is the religious based in the opposition between divine *versus* human, homologated by the opposite semes unlimited *versus* limited.

1. Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a narrativa bíblica “A Prova de Abraão”, segundo o ponto de vista da teoria semiótica. Nosso intuito é pôr em prática a teoria semiótica na análise de uma narrativa bíblica a fim de oferecer àqueles que se interessam pelos textos da Bíblia mais um modelo de abordagem que acreditamos ser muito eficaz para a elucidação do seu sentido. Trata-se de um trabalho de aplicação de modelos semióticos já elaborados para experimentação e verificação. Contribui também para a formação de um leitor mais crítico e perspicaz, capaz de abstrair o significado profundo daquilo que lê.

Nesse sentido, concordamos com Greimas (GROUPE D'ENTREVERNES, 1977, P. 227), quando afirma que a Semiótica tem se mostrado uma metalinguagem neutra para se analisar narrativas bíblicas, ocupando-se da significação do texto, sem se deixar influenciar por correntes ideológicas ou manifestações puritanas e moralistas, que se utilizam dessas narrativas como um meio de apregoar seus ideais de opressão. Acreditamos, portanto, que a teoria semiótica é capaz de nos fornecer as ferramentas para uma análise eficaz e coerente dos episódios registrados na Bíblia.

Não se trata, no entanto, como adverte de fazer o texto entrar no modelo, mas de aplicar o modelo como instrumento de descrição ao texto em análise, decompondo-o em níveis até desvendar sua estrutura e articulação. O objetivo do modelo semiótico é, portanto, descrever o sistema a partir do qual os efeitos de sentido reconhecidos na leitura podem ser reencontrados e descritos.

A narrativa que iremos analisar é mais comumente conhecida no meio cristão como “O Sacrifício de Isaque”. No entanto, preferimos denominá-la de “A Prova de Abraão”, a fim de evitar a ambigüidade do título anterior. Trata-se do episódio em que Deus pede a Abraão que vá até um dos montes da terra de Moriá e ali ofereça seu filho Isaque em holocausto. Está registrada no livro de Gênesis, capítulo 22. A narrativa segmentada para o *corpus* apresenta-se como um segmento autônomo, que se impõe como uma sequência relativamente fechada em si mesma, como um todo de significação, com estruturas reconhecíveis, possibilitando manifestações figurativas. Logo, trata-se, em primeira instância, de uma delimitação na totalidade discursiva.

A prova de Abraão é uma história bastante polêmica e pode causar algum constrangimento àqueles que se dispõem a estudá-la ingenuamente. Para Scliar (2001, p. 20), é “um dos episódios mais dramáticos da narrativa bíblica”. Como justificar a atitude de um Deus que exige o sacrifício de um filho?

A esse respeito, Champlin comenta:

Ficamos desolados diante do vigésimo segundo capítulo de Gênesis. Nenhuma explicação pode aliviá-lo de uma demonstração de uma religião primitivista. Mesmo que Abraão tenha crido sinceramente, que Deus requerera dele um sacrifício humano, e isso de seu próprio filho, é impossível crer que Deus lhe tenha dado, realmente tal mensagem. Abraão teria agido em boa fé; mas o Senhor não estaria vinculado à questão, sob hipótese alguma. É óbvio, pois, que Abraão ainda retinha traços de selvageria e paganismo em sua fé, apesar de seu grande avanço espiritual. Podemos extrair do relato muitas boas lições morais; mas é catastrófico para a fé religiosa sã, a suposição de que Deus, sob qualquer circunstância ou razão, tenha ordenado que se fizesse sacrifício humano. (CHAMPLIN, 2001, p. 5204)

Kierkegaard, polêmico pensador do século 19, encara seu drama pessoal como semelhante ao de Abraão conduzindo Isaque ao lugar do sacrifício, ressaltando o paradoxo dessa atitude:

Ele [Abraão] só sacrifica Isaque no momento em que o seu ato está em absoluta contradição com o sentimento; todavia, com a realidade de sua ação, ele pertence ao Universal e, nessa esfera, ele é e permanece sendo um assassino. (KIERKEGAARD, apud VITIELLO, 2000, p. 153)

Muitos assumem uma posição de ceticismo e preferem acreditar que a narrativa relata um fato não histórico, uma lenda. Outros atribuem-no ao caráter mítico do herói Abraão.

Vitiello, numa atitude mais extremista, chega a afirmar:

O Deus judaico é um Deus ciumento, que não quer dividir sua gente com nada nem ninguém. Por isso, separa a sua nação – a que será a sua nação – até da terra dos ancestrais, dos afetos, dos hábitos, dos costumes da família e, portanto, das divindades que habitam aquela terra. [...] Deus ciumento que distancia. Não somente da terra dos ancestrais, mas também dos dons que Ele próprio provê. Concedeu a Abraão e Sara, já velhos, que tivessem o filho prometido. Mas, para que o amor do filho não diminua a dedicação a Ele, ordena o extremo sacrifício. (VITIELLO, 2000, p. 152)

Para Auerbach, o texto do sacrifício de Isaque pode se visto como um épico que influenciou a representação européia da realidade e cujo estilo pode ser sintetizado como:

[...] realçamento de certas partes e escurecimento de outras, falta de conexão, efeito sugestivo do tácito, multiplicidade de planos, multivocidade e necessidade de interpretação, pretensão à universalidade histórica, desenvolvimento da apresentação do historicamente devinte e aprofundamento do problemático. (AUERBACH, 1971, p. 20)

Tendo em vista as reações polêmicas e a especial atenção que o texto tem despertado até os dias de hoje, é que nos propomos analisar a narrativa à luz da teoria semiótica, no intuito de tentar explicar, por meio do percurso gerativo do sentido as aparentes contradições que o fato narrado inspira e assim, responder à questão que se impõe: Quem quer ter um pai como Abraão? Quais os limites entre a fé e a razão que levam um pai a ter a coragem de imolar o próprio filho?

Utilizaremos para o presente estudo a versão de *A Bíblia Sagrada*, traduzida em português por João Ferreira de Almeida, em sua edição revista e atualizada.

2. Abordagem metodológica da teoria semiótica

Antes de procedermos à análise julgamos necessário esclarecer o que vem a ser a Semiótica, quais os princípios básicos que a fundamentam e quais são os caminhos que nos levam a traçar o percurso gerativo do sentido de uma narrativa. Esses esclarecimentos são necessários na medida em que contribuem para a divulgação da teoria semiótica, uma vez que o nosso trabalho tem também um caráter multidisciplinar, ainda que esse não seja o nosso objetivo principal.

Partindo do princípio de Saussure de que “na língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 1970, p. 139) e da classificação que Hjelmslev (1975) faz da linguagem, segmentando-a em substância e forma da expressão, e substância e forma do conteúdo, a teoria semiótica é um instrumental metodológico que serve para explorar o sentido e descrever a significação de um texto, situado no campo da forma do conteúdo, sem, no entanto, desprezar o plano da expressão, que é condição para a manifestação do conteúdo.

Um texto, para os semiotistas, é tudo aquilo que tem uma significação passível de descrição e análise, seja ele verbal ou não-verbal. A Semiótica, portanto, oferece um instrumental teórico para a análise tanto de narrativas, literárias ou não, quanto de pinturas, músicas, esculturas, filmes etc.

Quanto à sua metodologia, a Semiótica é uma ciência derivada da Lingüística, mais especificamente da Lingüística desenvolvida na Europa, sobretudo na França, onde a linguagem é considerada como um fato social e o material concreto de que se utiliza são as línguas naturais. Tem como objetivo estabelecer uma articulação de significado comum a qualquer tipo de manifestação lingüística.

A semiótica é, portanto, uma metalinguagem que vai além da simples paráfrase, mas transpõe um nível de linguagem em outro, baseada no princípio da pertinência definido pelos traços distintivos comuns aos objetos estudados.

Uma análise semiótica baseia-se, pois, na busca das estruturas que compõem o chamado percurso gerativo do sentido. Conforme Santana (in AZEREDO, 2001, p. 136), a teoria semiótica consiste em “projetar uma estrutura subjacente a postular uma sequência de patamares de explicitações alcançando, ao longo de um percurso gerativo, a superfície de formas”.

De acordo com Greimas e Courtés (1979, p. 209), o percurso gerativo do sentido é composto por duas macroestruturas: estruturas discursivas e estruturas semionarrativas, sendo que as estruturas discursivas são consideradas as menos profundas ou mais superficiais, e as estruturas semionarrativas, por sua vez, dividem-se em dois patamares, um nível narrativo ou superficial e outro profundo. Cada um desses patamares (o narrativo profundo, o narrativo superficial e o discursivo) que constituem o percurso gerativo do sentido está dividido em uma sintaxe e uma semântica.

Nós, porém, basearemos nossa análise nos níveis propostos pelo GROUPE D’ENTREVERNES (1980, p. 9), que são: nível superficial, que engloba uma componente narrativa e uma componente discursiva, e nível profundo, que se baseia em uma rede de relações semânticas e um sistema de operações lógicas.

Seguindo a proposta de análise semiótica do GROUPE D’ENTREVERNES (1980), temos a estrutura profunda, que engloba o estudo dos semas, das isotopias e a estruturação e aplicação do quadrado semiótico. A estrutura profunda comanda, articula e ordena as estruturas superficiais (narrativa e discursiva).

A análise sêmica ou estudo dos semas reproduz as significações percebidas através do chamado efeito de sentido. Os semas podem ser nucleares ou contextuais (classemas). Os semas nucleares são traços que definem uma figura, com um núcleo sêmico estável. Os classemas são traços sêmicos que aparecem nas figuras contextualizadas. Essa análise sêmica permite identificar as isotopias da narrativa, que formam um plano comum, tornando possível a coerência do texto, por meio da permanência dos traços mínimos.

Finalmente, a estruturação e articulação do quadrado semiótico, que possibilita, por meio de um modelo lógico, representar a rede de relações do texto e visualizar sua significação, através de um jogo de diferenças e oposições.

3. Análise sêmica

A análise sêmica nos permite identificar a organização da forma do conteúdo, através da identificação dos lexemas (palavras isoladas) recorrentes, que realizados no discurso transformam-se em sememas e são formados por um núcleo sêmico (invariável) e um sema contextual (variável).

Entre os sememas recorrentes no texto, temos figura do holocausto como uma das que mais aparece na superfície do discurso. Podemos contá-la seis vezes em toda a narrativa.

Holocausto é uma palavra de origem grega e quer dizer “holos”, inteiro, e “kaustos”, queimar, ou seja, de acordo com o dicionário Houaiss, um sacrifício em que a vítima é queimada inteiramente. É o equivalente do termo hebraico “olah”, que, segundo Champlin (2001, p. 4433), significa “trazido a Deus”. O holocausto era um ritual dos povos semitas, incluindo os hebreus, em que os animais, depois de imolados e terem seu sangue derramado, eram consumidos em sua totalidade pelo fogo até tudo virar cinzas. Aqueles que realizavam essa prática acreditavam que o sangue é a vida da carne e assim procediam para expiação pelos

seus pecados, pois, de acordo com a Bíblia, o pecado deve ser pago com a morte. Como está escrito em Romanos 6:23: “O salário do pecado é a morte”.

O holocausto é, portanto, um ritual de morte para a vida e o sangue constitui o objeto modal para se alcançar o objeto valor, que é a expiação. Trata-se de um ato vicário, substitutivo, em que uma vida é sacrificada para isentar outras do sacrifício. Quanto à temporalização, é um processo terminativo de morte para o sacrificado e incoativo de vida para os que se beneficiam do sacrifício. Portanto, o holocausto aparece com duas funções diferentes: é, ao mesmo tempo, morte para o sacrificado e vida para o que sacrifica. Examinando a figuratividade no texto, percebemos que o holocausto exerce uma dupla atividade: aproxima Abraão de Deus, por meio da demonstração de obediência e temor, e faz com que sua família não acabe, mas tenha a sua descendência garantida e multiplicada.

De acordo com Greimas (1993, p. 33), “em um espaço mortal, assimilado a um estado durável e permanente, a vida, qualquer que seja a sua forma, não é senão o início da morte”. No caso do holocausto, a morte é o início da vida.

Podemos dizer que o semema holocausto tem como sema nuclear, ou seja, como núcleo sêmico estável, o derramamento de sangue para a expiação e como sema contextual, ou seja, como traço sêmico que aparece no contexto, a substituição ou escape. O que justamente diferencia o holocausto da narrativa da prova de Abraão dos demais holocaustos é o fato de a oferta ter sido substituída antes da sua imolação. Não podemos também afirmar que tenha sido fácil para Abraão, pois, apesar de estar certo de que Deus agiria, ela não sabia exatamente como ele agiria. A performance de Abraão se desenrola na tênue linha entre fé e razão.

O filho aparece como outro semema recorrente no texto. Podemos contá-lo doze vezes na narrativa. Segundo o dicionário Houaiss, filho é o descendente do sexo masculino em relação aos genitores de que se origina. É essa figura que garante a isotopia da perpetuidade, o que caracteriza uma espécie de vida eterna, uma vez que o código genético de um indivíduo é transmitido aos seus descendentes. A figura do pai também está embutida nesse universo figurativo. Ele é aquele que gerou e, por isso, tem a autoridade para decidir sobre o futuro do filho. Ao mesmo tempo, vê na obediência a Deus o futuro de sua descendência comprometido.

O semema filho tem como sema nuclear descendente do sexo masculino, e como semas contextuais o bem mais precioso e a promessa de uma grande descendência. Isaque não era um filho qualquer, mas era o filho através do qual Deus havia prometido a Abraão uma grande descendência. Podemos entender o estado de espírito de Abraão ao ter de renunciar a Isaque para obedecer a Deus. Trata-se, conforme Greimas (1993, p. 213), de um “estado de consciência doloroso, causado pela perda de um bem”, situado na dimensão cognitiva e não é causado exatamente pela perda do bem, mas pelo /saber/ sobre a perda que virá.

A provisão do carneiro introduz um novo programa narrativo, com um novo percurso figurativo, de caráter eufórico de escape para Isaque. Esse pivô transformacional permite a instalação da figura do carneiro, baseado nos semas animal e comum, comparado a Isaque, humano e único. O cordeiro, objeto ambíguo na fala de Abraão, surge como um carneiro, representação figurativa da expiação.

4. Isotopias

As isotopias de um texto relacionam-se com as categorias sêmicas dos valores axiológicos. Segundo Bertrand (2003, p. 185), as isotopias estão relacionadas com o desdobramento das categorias semânticas ao longo do discurso. Apóiam-se na recorrência dos elementos de significação e permitem interpretá-los, designando a repetição dos semas e provendo a sua progressão ao longo da narrativa, assegurando, assim, a coerência do texto.

Uma análise textual, do ponto de vista da teoria semiótica, consiste, portanto, em identificar a isotopia ou as várias isotopias que determinam a significação global de um texto, hierarquizando-as, quando for necessário. De acordo com Bertrand (2003, p. 188), as isotopias podem ser figurativas, relativas aos atores, tempo e espaço; ou temáticas, relativas aos valores axiológicos.

As isotopias figurativas sobre as quais recai o nível discursivo e que são responsáveis pelos percursos figurativos, são: a jornada e o monte, por meio do deslocamento, relacionados ao espaço; a perpetuidade, ligada ao tempo; e a família, em relação aos atores.

A isotopia figurativa do monte, discursivizada pelo Monte Jeová-Jiré, na narrativa da prova de Abraão é um lugar de morte vicária para a vida. É o espaço da provisão de Deus, por meio da substituição, em que o

carneiro assume o lugar de Isaque, sofre e morre em seu lugar. O monte é o lugar em que o altar é erigido. É também o espaço que permite a aproximação entre Deus e Abraão.

O percurso figurativo do deslocamento revela uma isotopia figurativa espacial de movimento e mudança de lugar, de caráter ascendente de subida a um monte. Quanto à isotopia temática, esse deslocamento tem um valor de mudança, transformação. É a partir do deslocamento que Abraão inicia sua demonstração de obediência que o fará pai de uma grande nação.

Se considerarmos o percurso figurativo do holocausto, podemos identificar uma isotopia figurativa de morte pela recorrência dos semas nucleares de sacrifício, imolação e consumação da matéria. Quanto à isotopia temática, podemos concluir que se trata de uma isotopia religiosa, calcada no clasema de oferecimento do bem mais precioso a uma entidade divina, em um ritual de ligação entre Abraão e Deus. No entanto, para entendermos essa isotopia religiosa, devemos tomar como base o sentido etimológico da palavra religião.

Derrida (DERRIDA; VATTIMO, 2000, p. 50) admite duas fontes etimológicas possíveis para *religio*. A primeira, de tradição ciceroniana, é *relegere* de *legere*, que quer dizer colher, juntar, o que resulta em recolher ou rejuntar. A segunda é *religare* de *ligare*, que significa ligar, resultando em religar. Para Bueno (1967, p. 3452), o termo vem do Latim “*religio, religionis*, do tema de *religare*, ligar outra vez, ou melhor: ligar fortemente onde o pref. *re* é intensivo”. Benveniste (apud DERRIDA; VATTIMO, 2000, p. 54) propõe para o termo religião a tradução de “recoletar, retomar por meio de uma nova escolha, reexaminar um procedimento anterior”, relacionando-o a *re-spondeo*, ou seja, resposta. Trata-se de focos distintos, mas que, ao mesmo tempo, se completam, uma vez que não há religação sem o vínculo proporcionado por uma escolha, efetivada através de uma resposta: “Eis-me aqui”. No entanto, para estabelecer essa ligação novamente, Abraão precisava provar a sua obediência a Deus.

A partir daí tem-se a figura do holocausto como o ritual que proporciona essa religação através do derramamento de sangue para o perdão, que remete ao tema do sacrifício, que, por sua vez, revela a isotopia da obediência, estabelecendo uma relação hipotáxica entre os programas narrativos.

Temos, então, que o conteúdo axiológico da obediência, inicialmente virtual, é atualizado por meio do estabelecimento do holocausto, criando uma conotação disfórica, reiterada pelos signos de denegação: lenha, fogo e cutelo. O diálogo entre Isaque e Abraão intensifica a disforia. O /querer-poder-saber/ de Isaque sobre onde estava o animal para ser oferecido em sacrifício cria uma atmosfera de morte iminente. A disforia é marcada por essa tensão entre o /ser/ e o /parecer/.

A obediência de Abraão é motivada pela fé, que caracteriza sua fidelidade. Fidelidade deve ser entendida como uma postura de não deixar de cumprir um compromisso firmado, mesmo diante de fortes argumentos contrários e situações adversas. Somente assumindo essa postura Abraão seria capaz de entregar o seu próprio filho como sacrifício a Deus.

Através de sua fidelidade, Abraão consegue a aprovação diante de Deus, confirmando sua obediência e recebendo assim a bênção de Deus, não só para ele, mas para os seus descendentes e, por conseguinte, para todas as nações da terra.

A obediência, por sua vez, desencadeia a isotopia da substituição ou escape, resultado da provisão de Deus. O carneiro homologa a passagem da isotopia da obediência para a isotopia da substituição.

Todo o caráter disfórico de morte iminente da narrativa é transformado em eufórico a partir do momento da substituição. Essa performance garantiu a Abraão a promessa perpetuidade através da multiplicação de sua descendência, o que nos remete à isotopia maior de eternidade.

A substituição também remete a uma isotopia de liberdade, figurativizada, primeiramente por “amarrou Isaque seu filho, e depois pelo carneiro que aparece “preso pelo chifre entre os arbustos”. A provisão do carneiro possibilita a soltura de Isaque.

A isotopia figurativa de família está representada pela relação pai e filho e reforçada pela ênfase dada à descendência. O percurso figurativo da família tem uma isotopia figurativa social de multiplicação, e uma outra isotopia figurativa temporal de descendência, uma vez que as gerações ocorrem na linha do tempo e marcam sua passagem. A isotopia temática é, então, como já salientamos anteriormente, a perpetuidade e a expansão, pois através de seus descendentes Abraão teria uma numerosa família, prolongada através de suas gerações.

Estamos, portanto, diante de uma narrativa plurisotópica, ou seja, um todo significativo que se organiza em torno de uma rede de isotopias hierarquizadas, que nos permite depreender o significado do texto.

Quanto às isotopias de tempo e de espaço, figurativizadas na narrativa pelas metáforas de estrela e areia, podemos identificar como semas contextuais incontável, incalculável e imensurável. Não há quem possa definir, calcular ou medir a quantidade de estrelas do céu bem como a quantidade de grãos de areia na praia. Essa profecia, diacronicamente, estende-se para a descendência de Abraão, que será perpétua, mas também, numa dimensão sincrônica, age como um intensificador da bênção.

A obediência é, portanto, um formante embreador que desencadeia a ação ilimitada de Deus sobre o ser humano, que é limitado. Abraão foi obediente e não impôs limites para demonstrar sua obediência; logo, Deus empenhou sua palavra para abençoá-lo ilimitadamente.

É bom salientar, que essas isotopias estão entrecruzadas e podem ocorrer dentre de um mesmo percurso figurativo. Tais diferentes redes de significação permitem reconhecer articulações semelhantes, pois uma mesma oposição semântica pode ser colocada sobre planos semiológicos diferentes, chamados de homólogos. O trabalho da análise semiótica consiste em descobrir as articulações homólogas que permitem construir valores semânticos elementares que organizam a significação do texto. Assim, temos os valores temáticos de espiritualidade, obediência e perpetuidade, homologados pela oposição entre ilimitado e limitado.

5. Quadrados semióticos

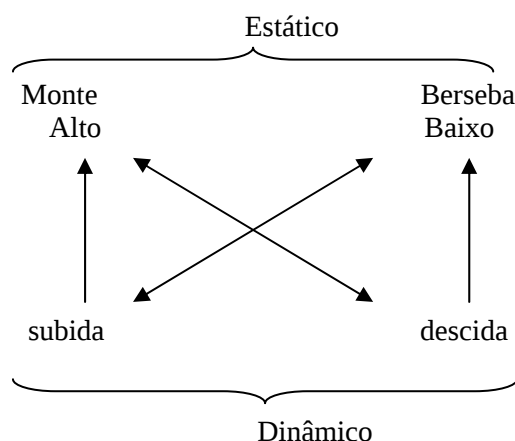
A partir da análise sêmica, podemos proceder à construção da estrutura elementar de significação ou quadrado semiótico, o qual está fundamentado na relação canônica, instituída por Aristóteles, de contradição e de contrariedade, através das operações de negação e afirmação, estabelecendo o que é eufórico e o que é disfórico, e representando, assim, o nível profundo da significação do texto em análise.

O nível profundo “procura dar conta do modo de existência e do modo de funcionamento da significação” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 433) mediante a articulação dos quadrados semióticos, os quais estão baseados, como já dissemos, nas operações de negação e de asserção. Através de uma rede de interdefinições, os valores semânticos e os termos que os designam são entrelaçados. É a forma primeira das estruturas do nível profundo, que estão transformadas em arquitetura narrativa no nível superficial.

A análise da estrutura profunda da narrativa do sacrifício de Isaque revela-nos o valor da obediência, ou seja, crer que Deus é superior ao homem, pois é o provedor e que para ele não há limites. Na verdade, a obediência é um sentimento virtual capaz de, uma vez atualizada, mudar o curso das realizações.

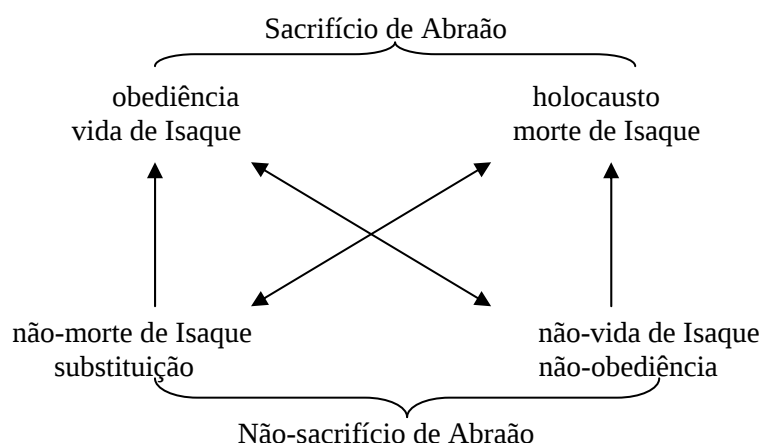
Portanto, temos:

(1) QUADRADO SEMIÓTICO DO DESLOCAMENTO



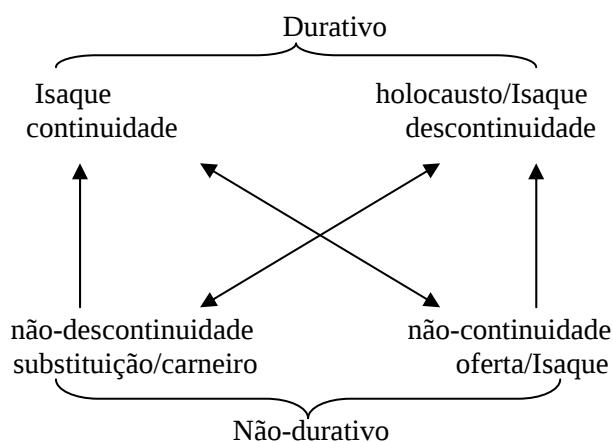
Em (1), Monte/Alto e Berseba/Baixo mantêm uma relação de pressuposição recíproca, posto que o Monte é o destino do deslocamento e Berseba é o ponto de partida e o ponto de chegada após o retorno; Monte e descida estão em relação de contraditoriedade, uma vez que um é a negação do outro; Berseba e subida também estão em relação de contraditoriedade. Monte e subida configuram a elevação, num movimento de causa e efeito. Berseba e descida configuram a planície.

(2) QUADRADO SEMIÓTICO DO HOLOCAUSTO



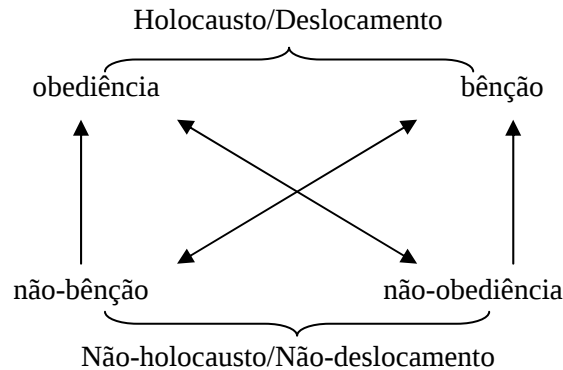
Em (2), obediência/vida de Isaque e holocausto/morte de Isaque mantêm uma relação de pressuposição recíproca, uma vez que, é em obediência a Deus que Abraão está disposto a realizar o holocausto de Isaque; obediência/vida de Isaque e não-obediência/não-vida de Isaque estão em relação de contraditoriedade, uma vez que um é a negação do outro; holocausto/morte de Isaque e substituição/não-morte de Isaque também estão em relação de contraditoriedade no sentido de que a provisão do carneiro isenta Isaque do holocausto. Obediência/vida de Isaque e holocausto/morte de Isaque configuram o sacrifício de Abraão, em uma relação causa e efeito. Substituição/não-morte de Isaque e não-obediência/não-vida de Isaque configuram o não-sacrifício de Abraão.

(3) QUADRADO SEMIÓTICO DA DESCENDÊNCIA (Visão aspectual)



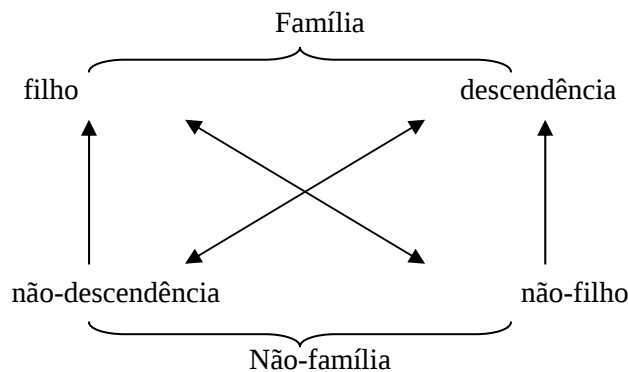
Em (3), Isaque/continuidade e holocausto de Isaque/descontinuidade mantêm uma relação de pressuposição recíproca, posto que, com Isaque sacrificado, a continuação da descendência de Abraão estaria comprometida; Isaque/continuidade e oferta de Isaque/não-continuidade estão em relação de contraditoriedade, uma vez que um é a negação do outro; holocausto de Isaque/descontinuidade e substituição/não-descontinuidade também estão em relação de contraditoriedade, a provisão do carneiro possibilita o começo de uma descendência multiplicada para Abraão. Isaque/continuidade e holocausto de Isaque/descontinuidade configuram o aspecto durativo de contínuo ou descontínuo para a descendência de Abraão, em uma relação alternatividade. Substituição/não-descontinuidade e oferta de Isaque/não-continuidade configuram o aspecto não-durativo da não-descendência de Abraão.

(4) QUADRADO SEMIÓTICO AÇÃO/SANÇÃO



Em (4), obediência e bênção mantêm uma relação de pressuposição recíproca, posto que, sem a demonstração da obediência não se alcança a bênção de Deus; obediência e não-obediência estão em relação de contraditoriedade, uma vez que um é a negação do outro; bênção e não-bênção também estão em relação de contraditoriedade. Obediência e bênção configuram o deslocamento e o ritual do holocausto, numa relação de causa e efeito, e não-obediência e não-bênção, o não-deslocamento e o não-holocausto.

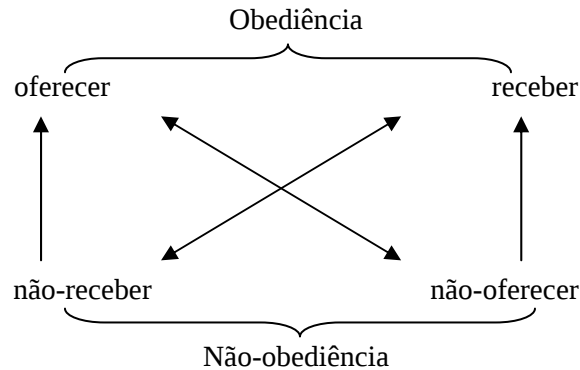
(5) QUADRADO SEMIÓTICO AÇÃO/SANÇÃO



Em (5), filho e descendência estão em uma relação de pressuposição recíproca, uma vez que o filho é condição necessária para a descendência; filho e não-filho estão em uma relação de contraditoriedade, já que um é a negação do outro; sendo assim, descendência e não-descendência também estabelecem uma relação de contraditoriedade. Filho e descendência estão na dimensão da família e não-filho e não-descendência estão na dimensão da não-família.

A figura do filho tem um caráter polissêmico, pois se encaixa em várias isotopias, enriquecendo-se cada vez mais com efeitos de sentido diferentes. Assim, dentro do texto, as “estrelas do céu” e a “areia na praia do mar” são figuras que remetem à multiplicação dos filhos. Não mais a limitação do filho único sacrificado, mas um número ilimitado de descendentes.

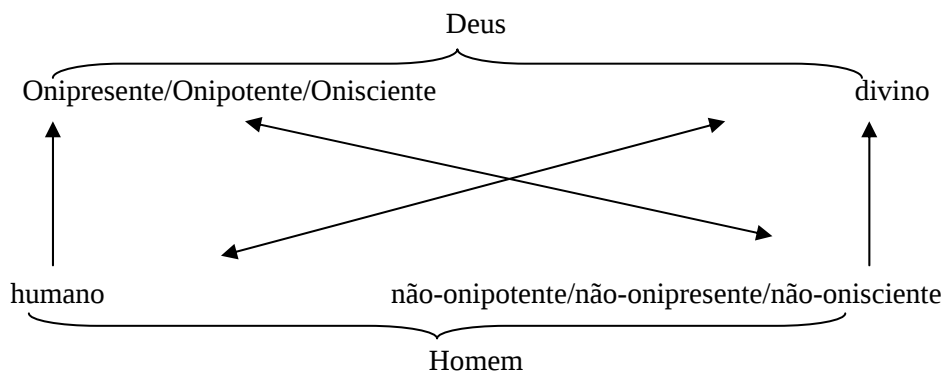
(6) QUADRADO SEMIÓTICO AÇÃO/SANÇÃO



Em (6), oferecer e receber também mantém uma relação de pressuposição recíproca, confirmando o princípio bíblico “*dai e dar-se-vos-á*” (Lucas 6:38); oferecer e não-oferecer estão em relação de contraditoriedade assim como receber e não-receber. Foi assim que Abraão, ao oferecer seu filho Isaque em holocausto a Deus, provou que sua obediência não fazia restrições e não impunha limites, abrindo caminho para que o próprio Deus o abençoasse com bênçãos ilimitadas. A resposta de Abraão a Isaque corresponde a uma espécie de profecia. Deus proveu para si o cordeiro para o holocausto, não apenas o carneiro preso pelos chifres entre os arbustos, substituto de Isaque; mas Jesus Cristo, o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Como está escrito em João 3:16: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único Filho, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. No entanto, essa comparação entre Isaque e a figura de Jesus Cristo reservamos para um estudo posterior.

Em (7), Onipresente/Onipotente/Onisciente e divino mantêm uma relação de pressuposição recíproca, uma vez que, essas categorias existenciais são atributos de um ser divino. Deus é superior porque existe o humano que lhe é inferior. Onipresente/Onipotente/Onisciente e não-onipresente/não-onipotente/não-onisciente estão em relação de contraditoriedade, uma vez que um é a negação do outro; divino e humano também estão em relação de contraditoriedade. Onipresente/Onipotente/Onisciente e divino configuram Deus, numa relação de ser (imanência) e parecer (manifestação); e humano e não-onipresente/não-onipotente/não-onisciente, configuram o homem.

(7) QUADRADO SEMIÓTICO DIVINO/HUMANO

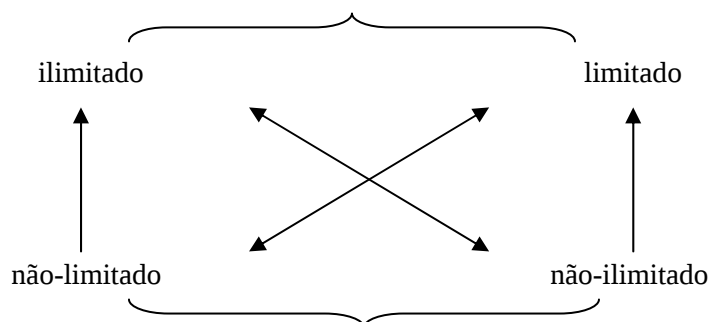


Em (8), ilimitado e limitado mantêm uma relação de pressuposição recíproca, uma vez que, essas categorias de quantificação e qualificação se completam. É a ausência de limites que caracteriza o ilimitado. Ilimitado e não-ilimitado estão em relação de contraditoriedade, uma vez que um é a negação do outro; limitado e não-limitado também estão em relação de contraditoriedade.

Assim, entre ilimitado e não-ilimitado, numa relação de contraditoriedade, temos a negação do ilimitado, por meio do anti-programa narrativo da desobediência, da inércia e da dúvida. Entre não-ilimitado

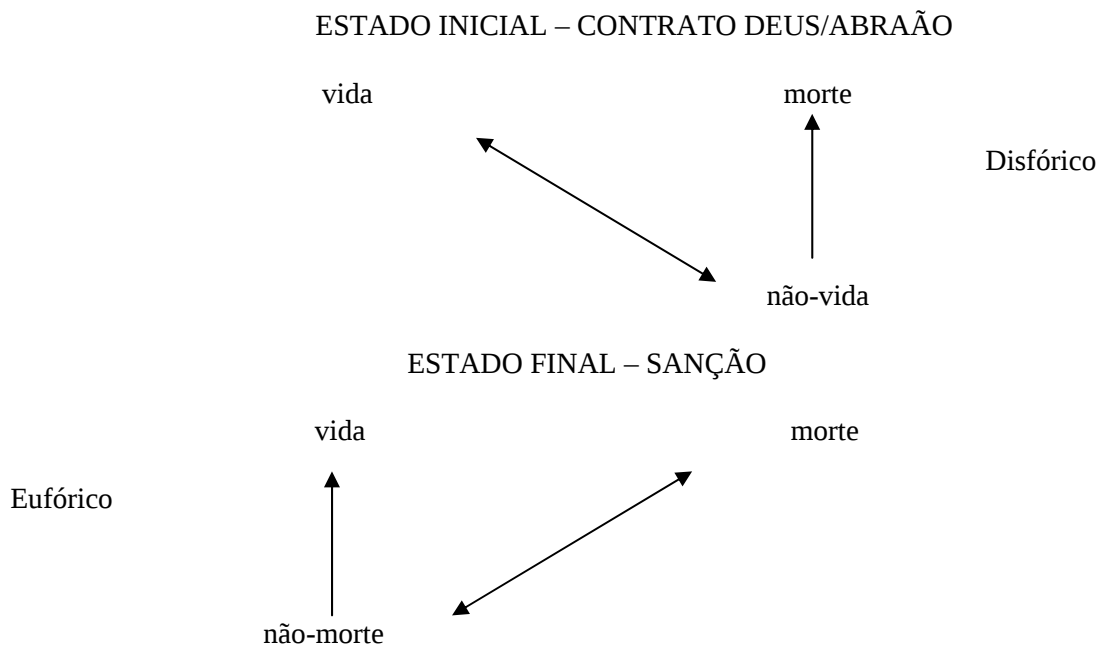
e limitado temos a seleção de limitado por meio do holocausto do único filho. Entre limitado e não-limitado, também numa relação de contraditoriedade, temos a negação de limitado pela substituição de Isaque pelo carneiro. Entre não-limitado e ilimitado temos a seleção de ilimitado que se dá por meio da obediência e da fé que desencadeiam a provisão divina, multiplicando a descendência de Abraão e estendendo a bênção de Deus sobre todas as nações da terra.

(8) QUADRADO SEMIÓTICO ILIMITADO/LIMITADO



Essa representação permite visualizar a organização do sentido e a estrutura elementar da significação dentro do texto de dois modos: o paradigmático, com a classificação dos valores semânticos que produzem o efeito de sentido, e o sintagmático, com a descrição das operações realizadas entre esses valores semânticos e a forma semântica dos programas narrativos que fazem a narratividade do texto. Desse modo, podemos desvendar o código do texto, racionalizando todos os seus elementos significantes que produzem o sentido.

O quadrado semiótico, em uma dimensão paradigmática, pode estabelecer, de maneira estática, a organização do universo figurativo, mas também, em uma dimensão sintagmática revela o desenrolar da narrativa. A situação inicial da narrativa instala um pai (Abraão), que é desafiado por seu Deus a lhe entregar o seu único filho (Isaque). Os valores em jogo nessa seqüência são: fidelidade versus infidelidade; fé versus dúvida; obediência versus desobediência. As ações ou performance de Abraão revelam seu temor e sua obediência a Deus. O desenvolvimento narrativo consiste em instalar um conflito no paradigma, ou seja, narrativizar a relação de contrariedade, invertendo o modo de existência dos dois termos virtualizando o primeiro, uma vez que o sacrifício de Isaque não se concretiza, e atualizando o segundo, através do provimento do carneiro (substituto) para o sacrifício. No final da narrativa, temos a coexistência dos objetos de valor: Abraão não perde o filho e ainda recebe a aprovação (bênção) de Deus. Esse desenrolar evidencia a estrutura elementar, ou seja, a substituição. Portanto, podemos visualizar o quadrado em sua dimensão sintagmática, no desenrolar cronológico da narrativa, da seguinte maneira:



A estruturação do quadrado acima nos mostra a transição de um estado inicial, em que Abraão tinha o filho, mas não tinha demonstrado a sua obediência incondicional a Deus, para um estado em que Abraão consegue mostrar uma obediência ilimitada, mediante o oferecimento do seu filho e, ao mesmo tempo, através da substituição, não perde o filho. O conflito se estabelece no momento em que Abraão ergue o cutelo para imolar Isaque.

A combinação final transforma a aparente contradição entre os elementos contraditórios (cumprimento da prova sem o sacrifício de Isaque) em uma relação de coexistência dos objetos de valor (Isaque e aprovação). Essa combinação só é possível pela figura do carneiro que aparece atrás de Abraão, embaraçado pelos chifres no mato.

A unidade espacial do monte expande-se ao espaço do céu, de onde o anjo do Senhor brada a Abraão e o monte torna-se o espaço de mediação entre Deus e o homem.

6. Aplicação dos quadrados semióticos

Os percursos figurativos do holocausto, da família e do deslocamento que estão selecionados e sustentados pelos programas narrativos remetem às isotopias religiosa, de ligação entre uma entidade humana (Abraão) e uma entidade divina (Deus); social, de expansão da família para a formação de uma nação; espacial, por meio de um deslocamento para elevação; e temporal, de terminatividade de ausência de descendentes para a perpetuidade de uma descendência multiplicada.

Essas isotopias, por sua vez, se encaixam dentro dos classemas de humano e divino, singularidade e multiplicidade.

A negação do humano afirma o divino. Abraão, ao renunciar o filho Isaque, afirma, por meio da obediência, a superioridade de Deus, a quem ele é submisso. Devemos considerar também que não se trata de uma obediência cega, irracional, que não mede as consequências de seus atos. Se assim fosse, seria muito fácil. Abraão sabia o que estava fazendo e tinha consciência da seriedade de sua atitude. Trata-se de uma obediência que pondera sobre os valores em questão e, diante da necessidade de uma escolha, opta pelo que julga ser mais valioso.

A negação da singularidade (filho único) afirma a multiplicidade (descendência multiplicada). O paradoxo do holocausto de Isaque transforma-se no modo pelo qual Abraão pôde ter uma grande descendência.

Finalmente, depois de exaustiva análise das componentes narrativa e discursiva, podemos afirmar que o código do texto da prova de Abraão está alicerçado sobre o eixo significativo do limite, por meio da oposição entre limitado *versus* ilimitado.

Limite é uma noção que pode ser aplicada às ações, ao espaço e ao tempo. Tem relação não apenas com a idéia de fim, mas também com a noção de ausência de imposições. Temos, dessa forma, de um lado, o limitado humano mortal, suscetível à fraqueza e à vulnerabilidade que enquadram toda a experiência humana; o espaço demarcado e que não pode ser ultrapassado; e o tempo previsto e efêmero. De outro lado, o ilimitado divino onipotente, onisciente e onipresente; o espaço infinito, que ultrapassa fronteiras; e o tempo eterno, que se perpetua através das gerações.

Todas as figuras da narrativa estão vinculadas a esse código que dá sentido a todos os elementos significantes do texto. As metáforas formadas pelo conjunto das estrelas do céu e pela areia da praia do mar também estão articuladas nesse eixo de limitado *versus* ilimitado. Numa isotopia cosmológica, é impossível estipular um limite ou prever um fim para esses elementos. Constantemente ouvimos falar da descoberta de uma estrela nova, elas nunca se esgotam e ninguém sabe até onde vão. Da mesma forma, a areia da praia do mar jamais acaba. Assim é a descendência de Abraão de acordo com a promessa feita por Deus a ele na sanção.

Podemos dizer que esse é o sentido do texto: Deus está disposto a realizar bênçãos ilimitadas na vida daqueles que, como Abraão, reconhecendo a sua limitação obedecem-lhe sem impor limites.

7. Conclusão

A teoria semiótica tem se mostrado uma metalinguagem bastante coerente e eficaz na análise dos mais variados tipos de textos, inclusive narrativas bíblicas. É o que esperamos ter demonstrado com o presente estudo, no qual nos propusemos a expor uma visão geral da teoria semiótica e aplicar seus conceitos ao texto bíblico que denominamos de “A prova de Abraão”.

A análise permitiu-nos, conforme os objetivos de nosso trabalho, demonstrar a aplicabilidade dessa teoria a essa categoria específica de narrativa; contribuir para a divulgação da proposta greimassiana de sistematização da forma do conteúdo; e esclarecer, por meio do percurso gerativo do sentido, algumas aparentes contradições do texto.

8. Referências bibliográficas

A BÍBLIA ANOTADA. Com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.

ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). *Guia literário da Bíblia*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.

AZEREDO, J. C. de (Org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BUENO, F. da S. *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1967. v. 7.

CHAMPLIN, R. N. *O antigo testamento interpretado versículo por versículo*. 2. ed. São Paulo: Hagnos, 2001. v. 1, 6 e 7.

_____. *Enciclopédia de Bíblia teologia e filosofia*. 6. ed. São Paulo: Hagnos, 2002. v. 1, 3 e 4.

COQUET, J. C. *Le discours et son sujet*. Paris: Klincksieck, 1984.

COURTÉS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Tradução Norma Backes Tasca. Coimbra: Almedina, 1979.

D'ÁVILA, N. R. Apreciações sobre a obra *Le discours et son sujet* e uso da teoria para análise da busca de identidade de actante sujeito executante. Mimeo, [1997].

_____. Renart et chanteclere: visão semiótica baseada na teoria de A. J. Greimas. *Leopoldianum: Revista de estudos e comunicações*. Santos, SP: Unisantos, v. 17, n. 47, 1990.

DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (Orgs.). *A religião: o seminário de Capri*. Tradução Marcelo Rondinelli. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FOKKELMAN, J. P. Gênesis. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). *Guia literário da Bíblia*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. Tradução Haquira Osakabe. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. *Du sens II. Essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução Alceu Dias de Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Tradução de M. J. R. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GROUPE D'ENTREVERNES. *Signes et paraboles: sémiotique et texte évangélique*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

HALLEY, H. H. *Manual bíblico: um comentário abreviado da Bíblia*. Traduzido por Davi A. de Mendonça. São Paulo: Edições Vida Nova, 1970.

HELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KIERKEGAARD, S. *Johannes Climacus, ou, É preciso duvidar de tudo*. Tradução Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. Trad. A. Chelini et al. 2. ed., São Paulo: Cultrix, 1970.

SCLIAR, M. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 2001.

VITIELLO, V. Deserto, éthos, abandono: contribuição para uma topologia do religioso. In: DERRIDA, J.; VATTIMO, G. (Orgs.) *A religião: o seminário de Capri*. Tradução Marcelo Rondinelli. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.